

Museu alucinado

Roubar a morte ou morrer para a vida?

A consciência
da perda imensa
desse património
histórico e artístico,
desse muitos milhares
de peças roubadas,
dá que pensar ainda
no diagnóstico global
deste nosso
"museu imaginário",
assim marcado
desde origem
pelo medo.

Carlos H. do C. Silva
Faculdade de Ciências
Humanas
da Universidade Católica
Portuguesa

La plupart de nos connaissances reposent sur le meurtre des espèces et le tourment du monde. Nous avons besoin de nous instruire d'autre façon.

Ce qu'une vallée, un jardin, un chat, un regard émerveillé révèlent de beauté dans la simplicité de vivre n'est qu'un aspect infime de l'attrait qu'au-delà de la contemplation nous saurons un jour accorder à chaque instant de l'existence (...).

Raoul VANEIGEM, *Nous qui désirons sans fin*, Paris, Gallimard, 1966, p. 141

Quando Malraux 'descobre' o *museu imaginário*, toda a pré-história dos armazéns de cultura e de arte cede perante o *acontecimento memorial* que não já o positivismo histórico-documental. E, hoje, na era "tecnocrónica", como lhe chama Alvin Toffler, da cibernética e da informática, as novas tecnologias do *virtual* quase dão "corpo" e tornam tangível essa "realidade sonhada"...

No entanto, na base mesmo deste *imaginário*, talvez ainda de fuga à situação por demais constrangente do 'cinzento quotidiano', está a tecnologia e a própria ciência que, aliás, padronizou a realidade em objectividade instrumental, estabeleceu os critérios de investigação crítica dos dados e, no campo histórico, da crítica documental...

Essa terá sido, como Heidegger longamente reflectiu, a mor violência de uma 'época de concepções do mundo' (*Die Zeit des Weltbildes...*), de um pensamento de *dominação*, ou do "espírito científico" que *uniformiza o ser em coisa*, "cousando-o"... para empregar também aqui uma expressão de Leonardo Coimbra. É o olhar causal

e acusativo medusiano, a postura marcial da polémica mente ocidental, o recuo discursivo retórico e hermenêutico da vida em culta 'domesticação', enfim, a redução do real ao mero valor mercantil e capitalista, hoje também do conhecimento e da informação...

À verdade antiga de uma revelação auroral, ao 'deixar ser' o ser no advento *poiético* do seu gesto primevo..., e, - ao que aqui nos interessa - , à invenção de signos e figuras dessa poesia no seu contexto tremendo e fascinante das areias e oásis, dos rios e povos que foram berço da civilização, substitui-se na *mente* e também moderna *mentira* das coisas, a prisão dos objectos, o arquivo e o catálogo, o asilo das memórias na vitrine dos "valores" das importâncias e dos interesses... por eufemísticos que o sejam.

Claro que a civilização pós-renascente e que evolui das "coleções privadas" (também despojos de alguma rapina e vaidade pequeno-burguesa...) para os Museus nacionais (em que é o Estado a poder muitas vezes "colonizar" em tal "caçada"...), soube, apesar destarte, preservar para os "bem-pensantes" e para a herança do Iluminismo, o sucedâneo de "venerar" em Arte e Cultura, em Ideais e altos Valores, nova "religião da Humanidade". Agradecemos (sem termos parte em tal "roubo") no que acabou por ser a generosidade *cultural* e as possibilidades pedagógicas e didácticas de todo esse acervo documental.

Então, fechado a "sete chaves" - dado depois ainda haver outra escala de roubos (meta-roubos) - o Museu guarda preciosidades (também curiosidades e até falsidades... - pois de tudo isso é feita a lista das coisas humanas), como um "ossário" de humanidade falecida e mesmo que já se não lhe possa, de modo algum, reanimar a "alma" (como em tom trágico proclamava Oswald Spengler).

O ídolo não está a ser cultuado, o rolo de escrita a firmar contrato, a ânfora a guardar rara essência... - tudo "fora do seu lugar", todavia para se *estudar* e *observar* e assim *catalogar*... Pois, de facto, se já não há tais povos e culturas, e as civilizações são os *restos materiais*, porque não dar espaço na Arqueologia, e noutras Ciências afins, para a *necrologia* que tem toda a sua dignidade "mítica", como salientou o nosso Eudoro de Souza?

Já Platão pensava todo este nosso embarcadouro do Além como de esquifes de almas, quais "cárceres" que impedem outras "asas" de sentir... E, por conseguinte, não será de admirar que o *policiamento científico dos costumes* cultive esse cuidado pelos 'portos', 'armazéns' e 'templos' da própria Cultura. No entanto, não se devendo confundir este arquivo de conhecimento, este saber sabido e erudito, com os autênticos centros de investigação, de descoberta e da viva alma das coisas, fosse na Academia de Atenas, na malfadada Biblioteca de Alexandria, na *New Atlantis* da utopia baconiana, na Academia dos Linceus de Galileu, na Royal Society... ou, noutra escala, no círculo da Gnose de Princeton, ou até de Silicon Valey, etc.

Ora, perdida a vida no seu acontecer, pela própria transformação histórica em meros eventos e respectiva *reconstituição*, os documentos factuais tornam-se valiosos e decisivos tanto naquela *síntese*, como na creditação *política*, comunitária, de um passado. Pelo que, ainda de dentro desta mesma mentalidade, posto que do lado negativo, moralmente falando, surgem os perigos de perca, os bárbaros assaltos, os roubos premeditados, o negócio dessa memória, ou até o puro vandalismo fanático ou gratuito...

Tanto a cegueira religiosa e tal fanatismo censor, como a mira mais imediatista do negócio e venda em mercados ocultos, terá então levado a que, na propícia encruzilhada da hipócrita recente guerra no Iraque (também ela movida pela ganância material, pela arrogância e afirmação imperial, pelas falsas moralidades e expressão de um imenso medo...), ainda com a conivência supostamente ingénuo e quiçá ainda mais bárbara dos incultos soldados americanos, se consentisse na pilhagem e vandalização de grande parte do célebre Museu Nacional de Bagdade.

Ora, o lamento, a condenação, as tentativas ulteriores de recuperação (quase impossíveis em muitos casos), a consciência da perda imensa desse património histórico e artístico, desses muitos milhares de peças roubadas, dá que pensar ainda no *diagnóstico global* deste nosso “museu imaginário”, assim marcado desde origem pelo *medo*. Medo dessa mesma perda e que há-de suscitar, por isso, formas complementares de *violência*, lembrando por sob a capa da “boa compostura” dos humanos cultos, aquele ímpeto *selvático*, aquela heroicidade cruel e sadia, como pretendeu reconhecer dionisiacamente F. Nietzsche (*vide Zur Genealogie der Moral*, II, 1...), porém a não confundir com a torpe e grosseira ganância de *mafias* iraquianas, outros ladrões de arte, ou mesmo certos “negociantes” de antiguidades...

Mais que o crime contra a história e esse memorial da Humanidade, importa considerar e reanimar o autêntico espírito heróico que, sem tal memória reactiva e decadente, permita reviver noutra plano de realidade, qual sobre-estado de *entusiasmo*, de criatividade..., essa perene gesta do ciclo de Gilgamesh... Ou, como se diria nas palavras de Le Clézio: uma outra guarda do *êxtase material*... (*l'extase matérielle*) já que não se trocará por qualquer raro rolo de escrita cuneiforme o corpo escrito de sangue, desmembrado pela bomba assassina, daquela criança amputada de *sentir* para o resto da sua vida.

Et quand ces générations elles-mêmes auront passé, quand les derniers hommes auront disparu, quand la terre et le soleil auront été engloutis, se seront confondus avec le vide, restera-t-il quelque chose de moi dans la plus petite partie d'un atome? (J.M.G. Le CLÉZIO, *L'extase matérielle*, Paris, Gallimard, 1967, p. 266).